

## A IMAGEM DO PROFESSOR EM *CONTO DE ESCOLA* DE MACHADO DE ASSIS

Gisele Montoza Felicio<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo pretende questionar a imagem da personagem “professor” dentro da Literatura Brasileira fundamentado no conceito de identidade e verificar como é estabelecida a relação professor/aluno. O texto escolhido foi *Conto de Escola* (1884), de Machado de Assis, no qual um aluno aprende em um único dia, com seus colegas, a corrupção e a delação. Qual é a importância do professor para este aprendizado e como a escola responde às demandas sociais são questões que tentaremos refletir assim como sobre a imagem atual do professor.

**Palavras-chave:** professor, aluno, escola, Literatura Brasileira, Machado de Assis.

### RÉSUMÉ

Cet article a l'intention de questionner l'image du personnage “professeur” dans la Littérature Brésilienne fondée sur le concept d'identité et de vérifier comment on va établir la relation professeur/élève. Le texte choisi a été *Conto de Escola* (1884), de Machado de Assis, dans lequel un élève apprend en un seul jour, avec ses collègues, la corruption et la délation. Quelle est l'importance du professeur pour cet apprentissage et comment l'école répond aux demandes sociales ce sont les questions que nous essayerons de réfléchir ainsi que sur l'image actuelle du professeur.

**Mots-clé :** professeur, élève, école, Littérature Brésilienne, Machado de Assis.

O presente artigo intenciona discutir a imagem da personagem “professor” dentro da Literatura Brasileira fundamentado no conceito de identidade e, com base nele, verificar como se estabelece a relação professor/aluno. No presente texto, uma análise diacrônica permitiu-nos fazer um recorte cronológico a fim de caracterizar um professor-personagem do Realismo, por meio do *Conto de Escola*, de Machado de Assis.

---

<sup>1</sup> Mestranda-bolsista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie; bacharel em Letras com habilitação em Tradução pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; graduada em História pela UNIFAI.

O *Conto de Escola* foi publicado pela primeira vez em 1884, na *Gazeta de Notícias*, e em 1896, em *Várias Histórias*. Em 2002, foi transformado em livro infantil pela editora Cosac Naify e em 2008, foi selecionado para constar na lista de referência do Ministério da Educação Nacional da França, sendo indicado para alunos de 8 a 10 anos de idade segundo notícia do jornal *A Folha de São Paulo* de 30/05/2008. Não podemos afirmar que a intenção do autor era a de fazer um conto dedicado ao público infantil, a bem da verdade o tema político-social que está por trás da trama descartaria esta hipótese, contudo o que se sabe é que o conto machadiano tem sido muito estudado nos cursos de letras e pedagogia em propostas diversas de análise que vão desde a formação ética e moral do indivíduo até a deficiência do sistema escolar ou ainda a violência na relação professor/aluno.

O conto é narrado em primeira pessoa e possui uma narrativa datada de 1840, ano que marca o fim do período regencial no Brasil. É um conto memorialista, traço marcante da obra de Machado de Assis, em que um aluno relembra quando foi flagrado por um colega ensinando a lição a outro em troca de uma moedinha de prata, tendo sido por este motivo, punido severamente pelo professor. Conta com quatro personagens: o professor rígido, Sr. Policarpo; o narrador-protagonista, Pilar, um aluno inteligente, mas que gostaria de estar fora da escola para usufruir melhor sua infância; o aluno-filho do professor, Raimundo, com dificuldades de aprendizagem e que por meio do suborno, espera que o protagonista ajude-o com a lição; o aluno-delator, Curvelo, que presencia e denuncia o caso de suborno entre os colegas. O suborno envolvia diretamente o filho do professor e o protagonista, fazendo com que a raiva do mestre se manifestasse nas formas cruéis e aceitáveis, na época, de castigos físicos e morais. Os castigos levaram o protagonista a desejar abandonar a instituição de ensino. Fica claro assim, que a instituição escolar não conseguia resolver o problema de

aprendizagem de Raimundo, levando os alunos a terem atitudes antiéticas como o suborno e posterior delação e, por conseguinte, a provável evasão escolar de Pilar.

O conto de Machado pode ser analisado segundo um viés socioeconômico, em que o suborno representa o poder monetário sobre as decisões éticas dos indivíduos, demonstrando o individualismo preconizado pelo capitalismo e manifesto na figura do professor que não dá a devida atenção ao processo de ensino-aprendizagem e que pode até ser responsabilizado pela atitude reprovável do filho. Contudo, antes de aprofundar estes pensamentos faz-se necessário entender melhor os conceitos de identidade e coletividade dentro da modernidade, desenvolvidos por Stuart Hall.

Segundo Stuart Hall, o conceito de identidade é um conceito que na contemporaneidade vem se modificando tamanha a mobilidade socioeconômica que permeia a vida do homem moderno. Hoje em dia, podemos usar o termo identidades e não mais identidade, pois cada indivíduo assume vários papéis sociais ao longo de sua existência. A identidade pode dizer o que e como somos na sociedade em um dado momento (tempo/espaço) histórico. Sendo assim, os indivíduos tendem a ser flexíveis para poderem viver suas diversas identidades na sociedade. A coletividade exerce também sua influência na construção da identidade do sujeito.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2000:13).

O que se percebe então, é que o conceito clássico de identidade mudou, pois as sociedades modernas são sociedades de mudança constante, rápida e permanente, segundo as palavras de Stuart Hall. Sendo assim, o indivíduo precisa perceber estas mudanças para poder se adaptar a elas. No conto em questão, verifica-se que a construção da personagem é feita primeiro por uma descrição rápida do professor, caracterizando a sua própria identidade. Identidade esta construída pela representação coletiva da época em que está inserido. Os detalhes da vestimenta do professor não possuem tanto destaque quanto o ar imperioso da entrada do mestre à sala de aula.

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois [...] Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos (ASSIS, 2007: 326-327).

Entretanto, a descrição física do professor sugere uma imagem decadente, que lia o jornal durante a aula enquanto cheirava rapé, e que ameaçava constantemente os alunos com a palmatória. Essa imagem do professor era a imagem da própria instituição escolar decadente no final do século XIX.

Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinquenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta (Ibid. p. 327).

O início do conto já institui a atmosfera educacional que constituirá o seu enredo. Por meio da primeira frase, sabe-se que a ambientação se dá em uma escola. “A escola era na rua do Costa, um sobradinho de grade de pau” (Ibid. p. 326). E quando o narrador começa a contar as suas memórias desse período manifesta uma primeira tensão: espaço livre x espaço

fechado. A construção dos ambientes se dá por confronto. A escola representa o espaço fechado, entre muros, a prisão enquanto que o morro ou o campo representam a liberdade, figura reforçada pelo papagaio solto no ar. O primeiro dilema se estabelece. A escola possuía atrativos suficientes para atrair seus alunos e tirá-los da “rua”? Diante do questionamento, Pilar optara pelo espaço fechado, pela escola. O narrador afirma ter tomado a decisão movido pela razão, contudo a razão foi movida pelas surras tomadas anteriormente pelo pai. Pilar demonstrava o seu desinteresse pela escola e seu desejo em brincar livremente pelos campos, morros e ruas do Rio de Janeiro.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano (ASSIS, 2007: 327).

Pilar era um aluno inteligente e tinha facilidade em aprender os conteúdos, por isso fora procurado por Raimundo para lhe ajudar nos deveres escolares. Entretanto, não era um aluno exemplar visto que tinha o hábito de cabular as aulas sempre que possível. No início da narrativa, só não fora cabular a aula porque apanhara do pai que havia descoberto o fato, “Na semana anterior tinha feito dois suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro” (*Ibid.* p. 326).

O professor Policarpo era rígido e fazia uso da palmatória nos castigos aplicados aos alunos. Notadamente a sua imagem de severidade é construída por meio das impressões subjetivas do narrador-protagonista. A rigidez do mestre era ainda maior para com o próprio filho, resultando em um sentimento de pavor do filho com relação ao pai. Podemos também considerar que a atitude de Raimundo em corromper Pilar pode ser resultado da relação conflitiva com seu pai.

Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco (Ibid. p. 327).

Essa rigidez por parte do mestre está em concordância com os parâmetros do relacionamento professor-aluno ditados em meados do século XIX. O discurso pedagógico restringia-se à função de um professor autoritário cuja imagem dominante era mantida pela detenção do poder e do saber. Não existia a preocupação com a aprendizagem do aluno. Nessa época, a rigidez era uma característica da boa educação. O professor podia usar e abusar de sua autoridade, aplicando castigos físicos e impingindo humilhações. A pedagogia empregada era a da opressão e da repressão. Entretanto, para melhor entendermos a construção da imagem desse professor, é importante contextualizarmos historicamente o conto.

Toda a obra de Machado de Assis traz as marcas espaço-temporais bem explicitadas, portanto, elas implicam em uma leitura pontual ainda que trate de temas universais. O contexto do conto revela um momento conturbado da História do Brasil, em que ocorreram várias manifestações e revoltas populares ou militares, todas reprimidas pelas forças do governo. Surgiu o Clube da Maioridade, no qual os políticos apoiavam a antecipação da maioridade de D. Pedro II que estava com 14 anos. Em oposição, encontrava-se o Partido Conservador. Por fim, e com o apoio do Partido Liberal, a maioridade do Imperador foi assinada em 23 de julho de 1840. Voltemos ao conto. O narrador datou sua memória em maio de 1840. “O ano era de 1840. Naquele dia – uma segunda-feira, do mês de maio...” (ASSIS, 2007: 326). Com certeza, um período em que os ânimos políticos estavam mais acirrados, e é nesse contexto que o professor Policarpo surge.

Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as ideias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto (Ibid. p. 328).

O comportamento do professor em sala de aula ajuda a construir a sua imagem diante da coletividade. Enquanto os alunos faziam seus deveres, o mestre devorava os artigos dos jornais manifestando a sua opinião por meio de exclamações ou gestos. Uma hipótese gerada pelo próprio narrador é a de que a veemência empregada sobre os castigos pelo mestre poderia ser resultado de sua concordância ou não com os fatos políticos lidos no jornal.

O pior que ele poderia ter, para nós, era a palmatória [...] Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca. E daí, pode ser que alguma vez as paixões políticas dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção (Ibid. p. 328).

Notadamente, a imagem desse professor é a de um mestre politizado e partidário. Entretanto, estava muito longe de aguçar o espírito crítico de seus alunos, uma vez que a sua própria autoridade era mantida por meio da opressão e repressão que acabavam gerando o medo e não o respeito. Ainda mais sério era o fato do professor poder “pesar mais a mão” se estivesse descontente com os rumos políticos que o Brasil tomava naquele período. Não se tratava de um professor consciente e crítico, que se preocupava em, imparcialmente, levar seus alunos a desenvolverem sua própria criticidade. Não tinha a visão integral de um educador.

O *Conto de Escola* nos leva a pensar qual é a identidade do professor moderno e como a coletividade pode influenciar na construção de sua imagem. O professor Policarpo era um professor que não tinha compromisso com a aprendizagem. O seu comportamento em sala de

aula demonstrava uma superioridade mantida pelo autoritarismo e não pelo conhecimento. Posição bem diferente daquela almejada pelos profissionais conscientes de sua identidade.

Que o conteúdo seja transmitido sim, mas com a marca do envolvimento do professor com a Educação como um todo e não com o simples “dar aulas” descompromissado e passivo, em total desvinculação com os objetivos mais genéricos da tarefa de educar (VASCONCELOS, 2009: 39).

As lições mais importantes da vida de Pilar foram aprendidas no ambiente escolar, mas não nos conteúdos programáticos. *Conto de Escola* é um conto de formação da personalidade da personagem Pilar. A primeira lição é a aprendizagem pela corrupção e a segunda pela delação, “E, contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação” (ASSIS, 2007: 333).

Embora a escola de hoje não tenha as mesmas características físicas e sociais da escola do conto de Machado, ela ainda está muito longe em considerar a subjetividade do aluno e do professor, assim como privilegiar a aprendizagem. O Policarpo do século XIX sobrevive ainda nos dias atuais em muitas instituições de ensino. A matéria lecionada no conto tratava-se de leitura e gramática. “Começou a lição de escrita” (2007:327). Contudo percebe-se que somente os aspectos cognitivos e instrumentais eram considerados. Até os dias atuais, pais e professores fazem uso da leitura como um instrumento para se ter acesso à cultura, dispensando o lado prazeroso e enriquecedor que existe em si mesmo. E quando o prazer é colocado de lado, o que sobra é a obrigação. A mesma obrigação que fazia Pilar frequentar as aulas, mesmo não tendo dificuldades na aprendizagem. A escola não seduzia Pilar. E hoje, a escola seduz seus alunos?



## Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. Conto de Escola. In: GLEDSON, John (Sel.). *50 Contos de Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 326-333.

BÉRGAMO, Monica. *Machado na França*. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3005200810.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3005200810.htm). Acesso em 15 mai. 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador – D.Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VASCONCELOS, Maria Lucia M. C. *A formação do professor do ensino superior*. Niterói: Intertexto; São Paulo: Xamã, 2009.